

BREVE ANÁLISE ESTRUTURAL DA OBRA *O MEU PÉ DE LARANJA LIMA*

Rivaldo de Sousa RODRIGUES (G-UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

RESUMO

O objetivo principal desse trabalho é fazer uma análise estrutural da obra *O meu pé de laranja lima* (1975), de José Mauro de Vasconcelos, dando ênfase para o enredo e aos objetos de tempo e espaço. Para atingir tal objetivo, a pesquisa se respalda principalmente em SANT'ANNA (1937), entre outros. Ao final da pesquisa, concluímos que, ao analisar os elementos de narração, tais como: tempo, enredo, personagem, fica fácil identificar em que forma de narrativa, a obra se encaixa, se simples ou complexa.

PALAVRAS-CHAVE: Enredo. Espaço. Tempo. Narrativa. Análise estrutural.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal desse trabalho é fazer uma análise estrutural da obra *O meu pé de laranja lima* (1975), de José Mauro de Vasconcelos, dando ênfase para o enredo e aos objetos de tempo e espaço. Para atingir tal objetivo, a pesquisa se respalda principalmente em Sant'Anna (1937), entre outros. O intuito da análise é identificar elementos estruturais desta obra, buscando classificar, a partir da leitura desses elementos, o tipo de narrativa em que podemos enquadrá-la – se complexa ou simples.

Para tanto, inicialmente apresento a fundamentação teórica, identificando os conceitos de narrativa simples e complexa (SANT'ANNA, 1937), após isso farei uma breve discussão sobre o espaço, tempo e enredo, analisando, sob o viés teórico, os elementos linguísticos utilizados pelo autor para compor tais elementos da narrativa. Na parte seguinte trago a análise da narrativa já citada anteriormente. Por fim, apresento as conclusões derivadas das concepções encontradas após o término da pesquisa.

2 NARRATIVA SIMPLES X NARRATIVAS COMPLEXA

Neste tópico, apresentaremos e discutiremos os conceitos de narrativa simples assim como da narrativa complexa, baseado na teoria de Affonso Romano Sant'Anna, autor do livro *Análise estrutural de romances brasileiros* (1973).

Em *Análise estrutural de romances brasileiros*, Sant'Anna procura discutir uma outra possibilidade de se estudar os textos literários através da análise estrutural, porém não tem intenção

de causar polêmica, mas sim de incentivar os professores a praticar o ensino da análise estrutural em suas aulas, pois para Sant'Anna (1973, p. 19) “o ideal seria não apenas reproduzir textos teóricos, mas as análises de todos aqueles romances, e mais ainda: as análises feitas pelos alunos”.

Além da discussão sobre a prática de ensino, Sant'Anna deixa clara a diferença entre narração e narrativa, definindo o significado de ambas e identificando os aspectos das mesmas. Para ele,

Narrativa é o nome geral e genérico dado aos textos que apresentam uma história ou uma sequência de eventos. [...] A narração é o modo como a narrativa se monta, é o discurso em sua articulação. A leitura da narração é mais paradigmática (ou verticalizante) do que sintagmática e superficial (SANT'ANNA, 1973, p. 20).

Outro tema tratado e aprofundado por Sant'Anna é a análise estrutural dos textos narrativos. Ao abordar tal tema, o autor busca apresentar ao leitor uma possibilidade teórica para o aluno analisar textos narrativos, com o objetivo de demonstrar ao leitor, uma maneira diferente de interpretação, das quais os mesmos estão acostumados, outras maneiras de classificar uma obra, pois para Sant'Anna:

No grau de desenvolvimento em que se encontram a crítica e a análise de narrativa, parece ser possível ir além das catalogações das obras em gênero, estilo e escolas; parece ser possível ir um pouco além das classificações como: romance, novela, novela curta, novela longa, romance histórico, biografia romanceada, romance de idéias, de aventuras, de tempo e espaço, novela psicológica, policial, picaresca, etc. [...] Talvez já seja hora de se pensar na articulação de modelos interpretativos que substituam o aspectual pelo estrutural. (SANT'ANNA, 1973, p. 26)

Em função disso, Sant'Anna propõe uma análise estrutural da narrativa a partir de dois modelos de estrutura (deixando claro em sua obra que há várias outras formas de análise estrutural), são elas: simples e complexa.

No capítulo I, A narrativa de estrutura simples e a narrativa de estrutura complexa, em específico, Sant'Anna discorre sobre narrativa simples e narrativa complexa, Nesse sentido, para ele, a narrativa simples é “uma forma de narrar que repousa sobre a oralidade e que se comporta de uma maneira ingênua, natural e primitiva [...]” (SANT'ANNA, 1973), e, de acordo com ele “[...] na narrativa de estrutura simples parece haver uma atração normal entre o mito e a ideologia” (SANT'ANNA, 1973, p. 28).

Em outras palavras, a narrativa simples é uma extensão da oralidade, isto é, é um texto de linguagem fácil, compreensível. Além disso, nela há a presença de mitos, ou seja, a presença (implícita ou não) de ideias implícitas ou personagens que levam o leitor depreender da leitura uma explicação para o que existe na vida real. A estrutura simples faz-se bastante presente, de acordo

com Sant'Anna, em contos e histórias infantis, nas quais os personagens sempre foram padronizados, (sendo que as princesas são belas, inocentes, boas, enquanto que as bruxas são perversas, enganadoras e feias), muitas vezes tornando a história “previsível”. Tomemos como exemplo o conto infantil *O gato de botas*, publicado na obra *Contos da mamãe gansa* (1693), escrito por Charles Perrault¹, onde é narrada a história de três irmãos que recebem de herança dos pais alguns pertences e como eram muito pobres, pouco tinham para receber de herança, e o filho mais novo ficou apenas com o gato de estimação da família. Descontente com a “herança deixada pelo pai, o filho mais novo resolve matar o gato para comê-lo”. Nesse instante o gato começa a falar e pede ao menino que lhe dê um par de botas, com a promessa de que o faria enriquecer,

O fato de o herói da história ser um felino, que fala e anda sob duas patas, é tratado com normalidade dentro da obra, esse lado místico representado não é questionado, pelo contrário, o personagem sempre foi idealizado pelas pessoas, tornando-se assim, comum. (GODOY, 2002, P.8).

A ideologia e o místico são o que realmente definem a estrutura simples, desde que ambas andem sempre juntas, mais do que isso, ambas necessitam uma da outra para se completar estruturalmente. Afirma Sant'Anna (1973, p.33) que:

A espantosa necessidade que o ideológico tem do mítico, seja em que faixa for, há de reafirmar sempre a vocação para um universo linear, que não consegue outra infinitude a não ser a infinitude fechada. Reduzidas estruturalmente, as formas narrativas ideológicas se identificam com o mítico. De fato, a fábula repete a ideologia, assim como a ideologia repete a fábula. Aí a idealização da bruxa má, do príncipe encantado, da virtude recompensada e da fada salvadora.

Diante dessa argumentação, fica explícito que a estrutura simples destaca-se não só pela mistura de mito e ideologia, mas também pela presença de uma sequência lógica dos fatos, na qual tudo vem propositadamente explícito, não dando assim ênfase a fatos ocultos, que exigiria um leitor específico, capaz de os “desvendar”.

Enquanto a estrutura simples não se atenta a esses fatos implícitos, a estrutura complexa faz disso a sua função principal. Constantemente ligada a críticas, a estrutura complexa deixa “vazios” ao longo do texto. Vazios que devem ser preenchidos por um leitor, obrigatoriamente experiente, para que o texto faça sentido, ganhe vida.

Para Sant'Anna, a narrativa de estrutura complexa se caracteriza justamente por “provocar um distanciamento entre o indivíduo e a realidade ordinária. Ela é crítica do real e crítica da própria

¹ Charles Perrault (1628) foi um escritor francês e um dos criadores da Academia Francesa de Ciências. Foi um grande divulgador de histórias tradicionais e de outras que faziam parte do folclore europeu. Sua obra mais famosa é: *Contos da Mamãe Gansa* (*Contes de ma mère L'oye*), de 1697, na qual foram escritos 11 contos infantis, incluindo *O gato de botas*. (Disponível em: <http://www.clickeducacao.com.br>).

RODRIGUES, Rivaldo de Sousa; JOB, Sandra Maria. Breve análise estrutural da obra *O meu pé de laranja lima*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

forma de narrar” (SANT’ANNA, 1937, p. 28). O que aparentemente o autor quis dizer é que nesse tipo de narrativa, indivíduo e a realidade não se reconhecem não se identificam daí esse tipo de texto causar “estranhamento”. Ele ainda se caracteriza pelo teor engajado, crítico do mundo, das pessoas e dele (texto) mesmo. Diante de um texto assim, mais complexo, com mais conteúdo, ele, segundo Sant’Anna, abre os olhos do leitor para diferentes formas de leitura.

A partir da discussão empreendida, embora breve, tentaremos mais abaixo definir se *O meu pé de laranja lima* se enquadra nesta ou naquele tipo de narrativa já apresentadas.

3 ANÁLISE ESTRUTURAL DA NARRATIVA: O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

Em todo texto narrativo, os personagens se encontram dentro de um determinado lugar e tempo, ainda que esses elementos não venham explícitos ao longo da narrativa. Ou seja, nas narrativas, personagens sozinhos não constroem um enredo².

Em outras palavras, o texto narrativo é composto por um enredo, que se passa dentro de um determinado tempo, espaço no qual os personagens fazem suas “estripulias”.

Neste contexto, em *O meu pé de laranja lima* (1975), resta averiguar como o autor trabalhou com esses elementos (enredo, personagens, em particular) para identificarmos se a narrativa ali é simples ou complexa e por quê.

No que se refere ao enredo, esta obra obedece a uma construção não-linear, pois a narrativa começa com o menino Zezinho em idade adulta, narrando fatos de quando era criança e tinha apenas seis anos de idade, e segue até o personagem entrar em idade adulta, essa não-linearidade se faz presente no seguinte trecho, por exemplo:

[...] Tudo isso é pra juntar um dinheiro e pagar o aluguel dessa nova casa. A outra, papai já está devendo bem oito meses. Você é muito **criança** para saber dessas coisas tristes. [...]. Os anos se passaram meu caro Manuel Valadares. Hoje tenho **quarenta e oito anos** e, às vezes, na minha saudade, eu tenho impressão que continuo criança, que você a qualquer momento vai aparecer me trazendo bolinhas de gude. (VASCONCELOS, 1972, p. 22-121)

²João Batista Cardoso (1993), em seu livro *Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto*, define o enredo como sendo a estória (*sic*) de um evento ou acontecimento, explicando que este, por sua vez, é constituído de fatos que evoluem ao longo da narrativa. Já Hopper, em seu livro, denominado *O enredo* (1929), identifica e aponta duas formas de enredo, denominadas linear e não-linear. Segundo ele, o enredo linear seria aquele que possui começo, meio e fim. Por outro lado, o enredo não-linear seria o oposto, aquele em que não há uma estrutura lógica, caracterizado principalmente, pelos romances do século XX.

RODRIGUES, Rivaldo de Sousa; JOB, Sandra Maria. Breve análise estrutural da obra *O meu pé de laranja lima*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

Diante dessa citação, temos um exemplo claro de enredo não-linear, pois, de acordo com Hopper (1925), o enredo não-linear se difere do linear por não haver uma ordem “correta” de desenvolvimento (começo, meio e fim), como no caso de *O meu pé de laranja lima*.

Quanto aos personagens, Zezinho, em especial, é o protagonista, isto é, o personagem principal. Caracteriza-se como um personagem redondo³, sendo bem definido no segundo trecho:

[...] Aí eu olhei tio Edmundo com uma pena danada. Meu passarinho lá dentro falou uma coisa. E eu fui lembrando que muitas vezes tinha escutado... **Tio Edmundo** era separado da mulher e tinha cinco filhos. [...] Li a oração que pedia aos céus, benção e proteção para a casa e afugentasse os maus espíritos. **Jandira** me depositou no chão, estava de queixo caído. (VASCONCELOS, 1972, p. 9-11).

Neste trecho, pode-se perceber o tipo de personagem que é Zezé. Percebe-se que durante todo o texto, os fatos e acontecimentos ocorrem ao redor do personagem, e em função do mesmo.

Quanto ao tempo⁴, nos deteremos aqui no tempo cronológico e psicológico, pois ambos se fundamentam na obra aqui analisada. Por tempo cronológico, Nunes (1995) entende-o como sendo o passar comum do tempo, datado por calendários, dias, semanas, meses, anos, etc. É a passagem natural do tempo, podendo ocorrer tanto no momento em que os fatos estão acontecendo (presente), quanto no momento em que os mesmos já aconteceram (passado), além disso, “pode entremear presente e passado, por meio dos flashbacks”. (NUNES, 1995, p.21).

O autor define o tempo psicológico⁵ como uma fusão de passado e presente, que abrange os sentimentos e lembranças do personagem, de acordo com ele.

Em outras palavras, tempo psicológico é o tempo no qual o personagem assume interiormente fatos subjetivos acontecidos durante sua vida, que normalmente se fundamentam em caráter dramático.

³ Personagens redondos podem ser chamados de personagens densos também, eles apresentam uma complexidade que se desenvolve no decorrer da narrativa, apresentando conflitos interiores e com o ambiente que o cerca também. Eles não possuem um caráter linear, são imprevisíveis e geralmente surpreendem aqueles que testemunham suas atitudes, além de apresentar uma multiplicidade de ações e motivações psicológicas de seus atos. (Informação disponível em: <http://www.algosobre.com.br>).

⁴No livro denominado *O tempo na narrativa* (NUNES, 1995), define o tempo cronológico como o tempo dos acontecimentos, englobando a nossa própria vida. Baseado em movimentos naturais recorrentes, como os cronométricos a que já nos referimos o tempo cronológico, por esse aspecto ligado ao físico, firma o sistema dos calendários. A cronometria acrescenta a ordem das datas a partir de acontecimentos qualificados, que servem de eixo referencial (nascimento de Cristo, Égira, etc.), anterior, ou posteriormente ao quais outros acontecimentos se situam.

⁵O tempo psicológico se compõe de momentos imprecisos que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças, “intervalos heterogêneos incomparáveis”. Bem diferente é a ordem objetiva do tempo físico, que se apoia no princípio da causalidade, isto é, na conexão entre causa e efeito, como forma de sucessão regular dos eventos naturais. (NUNES, 1995).

O romance *O meu pé de laranja lima* se passa em tempo cronológico, pois se trata do personagem em idade adulta, relembando fatos de sua infância, porém a história não mistura o presente, nem tampouco o futuro, e ocorre de maneira singular, com o tempo passando cronologicamente. A forma cronológica faz-se presente durante toda a história, datadas por acontecimentos repetitivos, facilitando assim a distinção do tempo que discorre pela obra, o trecho a seguir demonstra o que foi dito:

Os anos se passaram meu caro Manoel Valadares. Hoje tenho quarenta e oito anos e às vezes a minha saudade eu tenho a impressão de que continuo criança. Que você a qualquer momento vai me aparecer me trazendo figurinhas de artistas de cinema ou mais bolas de gude. [...] hoje sou eu quem tenho que distribuir as bolas e figurinhas, porque a vida sem ternura não é lá grande coisa. (VASCONCELOS, 1972, p. 121).

Espaço é outro item que vem se somar aos elementos constitutivos da narrativa. Também podendo ser denominado de ambiente. Ele é o conjunto de elementos que compõem, por exemplo, a escola, a cidade, a casa, a rua, etc. e que constitui o espaço narrativo. Ou seja, é o lugar por onde os personagens se movem, por onde ocorrem as situações, onde se passa o desenvolvimento da história.

Existe ainda uma forma de espaço denominado de psicológico e que, segundo Souza (2001), ocorre no interior do personagem, cheio de sonhos, emoções e sentimentos, algo bem pessoal e subjetivo. Ambas as formas de espaço ocorrem em *O meu pé de laranja lima*, tornando a obra mais interessante ainda.

O espaço principal em que a obra se passa é debaixo do pé de laranja lima. No entanto, o personagem redondo transita por ambientes que só existem em sua imaginação e do irmãozinho mais novo, tornando evidente a presença do espaço psicológico.

Em suma, enredo, tempo, espaço – elementos constantes em qualquer texto narrativo – compõem também, é claro, o livro *O Meu pé de laranja lima*.

Em *O meu pé de laranja lima* (1972), o leitor irá encontrar a história do menino Zezé, de seis anos, um garotinho pobre, muito inteligente, sensível e principalmente carente. Com falta de afeto em casa, o garoto sai pelas ruas aprontando varias travessuras a fim de chamar a atenção dos familiares. Sem êxito no seu feito, o menino encontra em um pé de laranja lima, uma grande amizade, além de um grande confidente.

Atentando ao objetivo desta pesquisa, o que classifica essa obra como simples ou complexa?

Enredo, personagens e tempo em *O.M.P.L. L* são articulados na narração de forma simples, facilmente compreensível para qualquer leitor, inclusive o leitor não experiente. E muito embora o “herói” da obra seja redondo, seu nível de complexidade é mínimo. Trata-se, no caso do personagem, de uma criança peralta cujas peraltices, fica subentendido, são causadas pela falta de atenção dos pais para com ele, pela falta de diálogo, ou seja, pela desestrutura familiar. E o porquê do comportamento travesso do “herói”, que interpretei como sendo motivado pela desestrutura familiar, talvez seja o mínimo da complexidade existente dentro da obra, pois pode dar margem a outras explicações.

Neste contexto, personagens, espaço e tempo poderiam, por exemplo, ser facilmente substituídos, dado o grau de simplicidade da sua composição. Em outras palavras, temos nesta obra uma narrativa de estrutura simples que segue na falta de expressão melhor, um padrão comum. Sendo assim, o personagem Zezinho, por exemplo, poderia ser substituído por Pedrinho, o pé de laranja por goiabeira etc, e teria-se outra história distinta. Isso por que as narrativas de estrutura simples não requerem muito da imaginação, principalmente de quem as lê.

O fato de ser uma leitura de fácil entendimento, entretanto, assim como o fato de ser uma narrativa que pode ser caracteriza como simples não diminui o valor da obra. Muito pelo contrário, pois *O.M.P.L. L* prova que a beleza existe mesmo, e inclusive, em narrativas de estrutura simples.

4. CONCLUSÃO

Diante dos fatos expostos e especificados ao longo desse trabalho, a estrutura da narrativa tornou-se visível. Os elementos de narração, tais como: enredo, personagem, tempo, etc. após serem analisados, apresentaram aspectos correspondentes às narrativas de estrutura simples, respondendo-se assim a pergunta feita no início do texto: Qual a estrutura narrativa presente na obra *O meu pé de laranja lima?*.

Quanto à obra, apresenta características interessantes, um enredo que é capaz de prender o leitor até o fim, com acontecimentos e fatos que, embora algumas vezes sejam incomuns, aproximam-se e se comparam com fatos reais, apresentando aí a magnitude da obra, e conseqüentemente destacando a importância de se ler o livro, mesmo não sendo a mesma uma narrativa de estrutura complexa.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Rivaldo de Sousa; JOB, Sandra Maria. Breve análise estrutural da obra *O meu pé de laranja lima*. ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

ALMEIDA, Elza de. ANÁLISE de personagens da Narrativa. In: **Nova Escola**. Disponível em: <http://www.rede.novaescola.org.br>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto**. São Paulo: Ed. Edunb, 2001. Disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br>. Acesso em: 26 de Novembro de 2015.

FERNANDES, Sória. Quem foi Charles Perrault?. In: **Click Educação**. Disponível em: <http://www.clickeducacao.com.br>. Acesso em 25 de Novembro de 2015.

GODOY, Célia. **O Gato de botas**. In: **Educacional**. Disponível em: <http://www.educacional.com.br>. Acesso em 12 de Janeiro de 2016.

HOPPER, Edward. **O enredo**. [s.l.]: Ed. Railroad, 1929. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/mobile.com>. Br.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

PINA, Benício. **A representação do Enredo**. Pós-Letras. Disponível em: <http://www.pos.letras.ufg.br>. Acesso em 23 de novembro de 2015.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

SANTANA, Ana Lúcia. **O espaço na narrativa**. In: **Portal Educação**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br>. Acesso em: 23 de novembro de 2015.

VASCONCELOS, José Mauro de. **O meu pé de laranja lima**. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1975.

RODRIGUES, Rivaldo de Sousa; JOB, Sandra Maria. Breve análise estrutural da obra *O meu pé de laranja lima*. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 fevereiro 2016. ISSN 2358-1131